

***VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.***

GT 10 - Estratégias empresarias desplegadas dentro y fuera del espacio de trabajo. Desafíos conceptuales y metodológicos para la construcción de una perspectiva etnográfica

Título do trabalho: TRABALHADOR SANITÁRIO: PRÁTICAS, SABERES E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE (1940-60)

José Roberto Franco Reis – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz  
Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

## TRABALHADOR SANITÁRIO: PRÁTICAS, SABERES E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE (1940-60)

### RESUMO:

Contemporaneamente, no plano mais geral da saúde, a presença de um certo tipo de trabalhador envolvido com ações sanitárias, como Agentes Comunitários de Saúde, Agentes de Combate a Endemias, se torna cada vez mais importante nos diversos programas governamentais voltados para o enfrentamento desta questão. Tais trabalhadores foram antecidos historicamente por outros atores que, nos anos 40 a 60, exerciam funções na saúde cuja definição e identidade profissional (ou falta de) se dava muito mais pelo exercício de um conjunto de práticas e saberes articulados ao campo da higiene e da saúde pública, ainda que com precário processo formativo. Sendo assim, esta pesquisa se propõe observar a pequena ilha dos auxiliares de saúde no vasto mundo dos trabalhadores em geral, notadamente os chamados *guardas sanitários*, com o propósito de capturar alguns aspectos da identidade destes trabalhadores: quem são, que formação recebiam, que identidades profissionais assumiam na perspectiva de estabelecerem solidariedades, lealdades em geral e sentido de agregação social.

## **RESUMO EXPANDIDO:**

### **OBJETO:**

*“Os médicos e engenheiros constituem os principais elementos superiores dos serviços de saúde pública. (...) É óbvio, porém que, tal qual num exército, não se compreende um efetivo composto apenas de oficiais, também na saúde pública, os funcionários técnicos graduados necessitam ser assistidos por auxiliares em número suficiente e com preparo adequado, constituído pelas enfermeiras de saúde pública, educadoras ou visitadoras sanitárias, técnicos de laboratório, inspetores ou guardas etc., para não falarmos no pessoal burocrático, não especializado, atributos de qualquer organização” (VIEIRA e SOUZA 1936, p. 24) .*

A frase acima, dos proeminentes sanitaristas Borges Vieira e Paula Souza, atuantes nos anos 20 e 30 do século passado, ainda que saliente o lugar “superior” de médicos e engenheiros nos serviços de saúde pública, atesta também a importância e a necessidade da assistência de outros tipos de trabalhadores, sem o qual tais serviços ficariam absolutamente comprometidos, mas que, de um modo geral, são muito pouco valorizados, tanto na produção acadêmica que tem se debruçado sobre a temática geral da saúde quanto no processo mesmo de organização de serviços sanitários: os genericamente chamados “auxiliares da saúde pública”, constituído por visitadoras sanitárias, guardas sanitários, técnicos de laboratórios etc. Desvalorização que, de certo modo, repercute uma hierarquia até hoje muito presente no campo da saúde, em que os médicos exercem um lugar de autoridade e supremacia sobre os outros profissionais da saúde, particularmente - embora não só (vide o chamado *Ato Médico*) - diante daqueles que apresentam uma formação menos qualificada, vale dizer, não universitária. Atuando como auxiliares diversos, subordinam-se, tanto ontem como hoje, à autoridade do médico, vale dizer, dos “elementos superiores dos serviços de saúde”, nos termos dos sanitaristas citados acima, mas exercem funções cada vez mais ampliadas e decisivas como, por exemplo, os Agentes de Combate a Endemias (ACEs) e os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) no Estratégia Saúde da Família (ESF), talvez o mais importante programa brasileiro de atenção básica na atualidade

Da mesma forma, pode-se dizer que ao longo da história dos cuidados à saúde no Brasil, tais trabalhadores auxiliares foram fundamentais para dar conta dos inúmeros desafios postos para o devido enfrentamento da questão - notadamente no campo da saúde pública - nos mais variados momentos e circunstâncias da nossa trajetória histórica. Seja o chamado *mata-mosquitos* no contexto da ação sanitária de Oswaldo Cruz no começo do século XX, seja os guardas sanitários nas diversas campanhas de saneamento dos sertões brasileiros nos anos 20, 30 e 40 do século passado, nomeadamente nos programas de intervenção sanitária organizados pela Fundação Rockefeller e pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, tanto nas áreas rurais com os diversos Serviços Nacionais (de Malária, da Febre Amarela, da Peste etc), quanto nos centros e postos de saúde urbanos e rurais aqui implantados durante a “era Barros Barreto”. E mais: como avançar nos programas de saneamento e educação sanitária empreendidos pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), que se instala no Brasil nos começo dos anos 40 e aqui exerce um papel da maior importância ao implantar uma verdadeira “rede de serviços básicos coordenados e integrados” de saúde (MELLO e VIANA, 2011, p. 1142), sem contar com o indispensável “exército” de auxiliares de saúde?

Entretanto, com exceção das visitadoras e/ou educadoras sanitárias e das que exerciam funções subalternas na enfermagem, paira um certo silêncio na historiografia da saúde brasileira sobre tais personagens, mencionados sempre mas pouco estudados na sua dimensão de trabalhadores da saúde com interesses e identidades coletivas, particularidades profissionais e possível sentimento de pertencimento diante de um conjunto de valores, práticas e saberes comuns face ao exercício de um mesmo ofício.

Com efeito, diante de trabalhadores presentes em todos os momentos importantes em que se definiram políticas públicas para a saúde, é de se notar a ausência destes em uma história do trabalho que, já há algum tempo, afia seus olhos para muito além da fábrica, e perscruta aspectos e matizes nos âmbitos os mais variados dos vastos mundos do trabalho. Entretanto, pouco tem dito sobre aqueles que genericamente vem se definindo como “trabalhadores da saúde”. Em parte é isso que minha pesquisa se propõe, numa fase ainda bastante inicial: observar a pequena ilha dos auxiliares de saúde no vasto mundo dos trabalhadores em geral, notadamente os chamados guardas sanitários (embora nem sempre

apareçam com esse nome), com o propósito de capturar alguns aspectos da identidade destes trabalhadores: quem são, que formação recebiam, que identidades profissionais assumiam na perspectiva de estabelecerem solidariedades, lealdades em geral e sentido de agregação social.

#### OBJETIVOS:

As perguntas que me incomodam desde quando iniciei minhas leituras sobre o tema são as seguintes: o que explica a ausência de qualquer forma de associação entre estes trabalhadores, de falta de “cultura associativa” nos termos de Batalha (2004), seja com características recreativas, de mobilização política, caráter beneficente ou de auxílio mútuo, até o momento não identificados em nenhuma documentação ou trabalho sobre o tema? Que laços de solidariedade estabeleciam entre si? Que lealdades eram suscitadas pelo fato de viverem experiências comuns de trabalho? Que elementos conferiam sentido de agregação social a estes trabalhadores? Submissão à autoridade médica, orgulho da função, busca de prestígio social ou status, estratégias pessoais de ascensão diante de situação hierárquicas e de *insegurança estrutural* (SAVAGE, 2004), obstruíam ou inibiam as possibilidades de agregação social e de identificação coletiva? Peso das tradições paternalistas e clientelistas operando como *habitus*, nos termos de Bourdieu, ou *estruturas de sentimento*, de acordo com Williams, sobre homens simples recrutados em áreas rurais atrasadas? Que elos podem ser estabelecidos, em termos de práticas profissionais e de processos de luta política, entre estes trabalhadores e importantes atores do campo atual da saúde, como Agentes Comunitários de Saúde, Agentes de Combate a Endemias, Trabalhadores de Vigilância em Saúde em geral?

#### JUSTIFICATIVA:

Debruçar-se sobre um determinado tipo de trabalhador atuante no campo da saúde nos anos 1940-60 e procurar problematizar e investigar aspectos relevantes relacionados à sua identidade profissional, pode fornecer importantes subsídios à compreensão e deslindamento de aspectos-chaves de um conjunto de trabalhadores que hoje em dia exercem importante papel nas políticas de saúde, notadamente na Atenção Básica, mas cuja definição e identidade profissional ainda se caracterizam em grande medida, tal como os que o

antecederam, por um conjunto de práticas e saberes articulados ao campo da higiene e da saúde pública., e que, nesse sentido, ainda se encontram envolvidos em importantes lutas por afirmação e reconhecimento profissional

#### METODOLOGIA:

Tendo em vista as características em grande medida históricas da pesquisa, a metodologia empregada tem se valido da leitura e análise da bibliografia pertinente ao tema e de fontes e materiais históricos situados em arquivos do Rio de Janeiro, notadamente os localizados no importante acervo da Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz.

#### RESULTADOS:

A pesquisa se encontra em uma fase inicial, mas seus resultados já podem ser observados através da apresentação em alguns congressos, como a VI Jornadas de História de Trabalho, promovidas em conjunto com o II Seminário Internacional Mundos do Trabalho, realizado entre 27 e 30 de novembro de 2012 nas dependências do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas (CPDOC/FGV) no Rio de Janeiro.

#### BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Difel/Bertrand Brasil. Lisboa/Rio de Janeiro, 1989.

BARRETO, Barros. “Saúde Pública no Brasil”, in: *Arquivos de Higiene*, vol 8, nº 2, 1938.

BATALHA, Cláudio. “Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”, in:

BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe*, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2004.

CAMPOS, André Luís Vieira de. “Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de enfermagem”, in: *Ciência & Saúde Coletiva*, nº 13, 2008.

CASTRO SANTOS, Luis Antonio de; FARIA, Lina; *Saúde e História*, São Paulo, Hucitec, 2010

- CUNHA, Neiva Vieira da. *Viagem, Experiência e Memória: narrativas de profissionais de saúde pública nos anos 30*, Bauru, SP, Edusc, 2005.
- FARIA, Lina. “Educadoras e Enfermeiras de Saúde Pública: identidades profissionais em construção”, in: *Cadernos Pagu*, nº 27, Julho-dezembro, 2006.
- FONSECA, Cristina M, Oliveira. *Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público*, Rio de Janeiro, editora da Fiocruz, 2007.
- FREITAS, Celso Arcoverde de. *Histórias da peste e outras endemias*, Rio de Janeiro, PEC-ENSP, 1988.
- HOCHMAN, Gilberto. “A Saúde Pública em tempos de Capanema: continuidades e inovações”, in: BOMENY, Helena (org), *Constelação Capanema: intelectuais e política*, , Rio de Janeiro, editora FGV, 2001
- REIS, Renata (coordenadora). *Trabalhadores Técnicos em saúde: formação profissional e mercado de trabalho*, Rio de Janeiro, Estação de Trabalho Observatório dos Técnicos em saúde, Ministério da Saúde, FIOCRUZ/EPSJV, 2003.
- SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho”, in: BATALHA, Cláudio; SILVA, , Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe*, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2004.
- SOUZA, Geraldo Horácio de Paula e VIEIRA, Francisco Borges. “Centro de Saúde “eixo” de organização sanitária. Boletim do Instituto de Higiene de São Paulo nº 59, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- TEIXEIRA, Carla Costa. “Interrompendo rotas, higienizando pessoas: técnicas sanitária e seres humanos na ação de guardas e visitadoras sanitárias”, in: *Ciência & Saúde Coletiva* , 2008.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.